

MARCUS DE LONTRA COSTA

Revista GUIA DAS ARTES, São Paulo, 1989

Existem artistas que, pela importância de suas obras, funcionam como agentes catalisadores, pontos de referência obrigatória para o pensamento estético de suas regiões ou cidades. Esse é o caso de Iberê Camargo em Porto Alegre, de Amílcar de Castro em Belo Horizonte e de Athos Bulcão em Brasília.

Aos 70 anos de idade, esse carioca de Copacabana que mora em Brasília desde a época de sua construção, tem a sua agenda repleta este ano: além da exposição em maio, Galeria Mônica Filgueiras de Almeida, em São Paulo, ele apresentará seus mais recentes trabalhos na Galeria Corpo, em Belo Horizonte e na Galeria Espaço Capital em Brasília. Com todo esse trabalho, ele ainda encontra tempo para executar um belíssimo painel de azulejos para o Memorial da América Latina, um outro para a Embaixada do Brasil em Buenos Aires e acompanhar suas obras em Salvador, com o arquiteto João Filgueiras Lima.

A obra de Athos Bulcão é um dos pilares da modernidade brasileira. Uma das delícias das artes plásticas é a possibilidade do artista atingir seu apogeu criativo depois dos sessenta anos. Foi com essa certeza que Athos jamais acreditou na urgência, na ânsia do sucesso, na ideologia da velocidade pós-industrial. Para ele, o artista é ainda um ser que tem tempo, que sabe construir a sua linguagem através da pesquisa, em silêncio, certo de seu valor. Os anos 80, e o seu resgate às relações entre a arte e o artesanato recuperaram a obra de Athos Bulcão e a afirmaram como uma das mais importantes de nossa história. Os seus painéis, suas cerâmicas, as suas discretas interferências na operística arquitetura de Niemeyer povoam nossas retinas, nossos pensamentos.

Artista comprometido com a ordem, com a construção, Athos é, fundamentalmente, um alquimista da cor, um pesquisador dos mistérios e das belezas da luminosidade. A pintura foi se formando em sua trajetória artística de maneira pousada e gradual. Distanciada da mundanidade que muitas vezes acompanha o ritmo da arte do eixo Rio/São Paulo, Athos deixou-se encantar com o céu de Brasília, com a terra vermelha e ressecada da região. As suas pinturas embatem-se dentro dessa paisagem, entre a ordem e o caos, entre a luminosidade e a aspereza, entre a suavidade e o desespero.

Se nas pinturas predomina a história da paisagem, nas máscaras, que desenvolve desde 1974, o artista deixa florescer o seu lado irônico, algo sacana e debochado, próximas em algum momento à caricatura. É interessante registrar que a palheta de cores é a mesma das telas, misturando-se os tons vibrantes e luminosos com os tons pastel, ocres e vermelhos, da terra. Entretanto, se nas pinturas a cor é tratada de maneira substantiva, valor real e íntegro da composição, nas máscaras elas se fundem, se misturam, num ritmo gestual de intensa sensualidade. Elas têm por base o durepóxi, o gesso-pedra (gesso de dentista) ou o modeling paste, sobre o qual o artista aplica camadas de tinta acrílica e glitter. Começam, então, a ser criadas

imagens perversas, figuras que reagem à luz, pequenas estranhezas, viróticas criaturas em mutação. Seus olhos nos perseguem como as velhas fotografias, espécie de rosebud a nos fitar por todos os quatro cantos da sala. Em certo momento seus olhos parecem piscar, suas línguas parecem tremer... Será verdade?

Sem dúvida há algo nelas de teatral, de cenográfico. Entretanto as máscaras de Athos Bulcão não escondem, não camuflam a imagem verdadeira, o corpo real está diante de nós, essa é a sua principal verdade, instrumento de revelação que clareia e faz brilhar o olhar. Dentro das caixas, estranhas, elas pulsam como um pequeno ser vivo, animalzinho engaiolado, pequenos planetas de bocas carnudas, olhos de tentação e pele de pedra e vidro. Pequenos gremlins, coloridas e felizes, essas máscaras são, na verdade, a parte do fogo de um artista zen.

Athos Bulcão tem nos olhos a luz e as formas de Brasília, cidade que ele ajudou a criar, cidade que ele escolheu para viver, para desenvolver a sua arte. Discreto, sem sobressaltos, ele vem, com a paciência e a dedicação de um ourives lapidando a imagem da modernidade entre nós. As suas máscaras, as suas telas, os seus painéis, as suas cerâmicas são os instrumentos desse exercício diário e persistente do artista, metade artesão, metade cientista, metade santo, metade bruxo, metade objetividade, metade mistério e paixão. O reconhecimento que Athos Bulcão vem obtendo, nesses últimos anos, no cenário artístico nacional é o reconhecimento da força e da capacidade criativa de Brasília, símbolo maior de um projeto de modernização que está longe de ser considerado terminado, principalmente quando os seus opositores a condenam com as armas da ignorância e da pieguice estética. Athos Bulcão é o artista-símbolo da capital de nosso país, as suas histórias se unem, se confundem. Ele é a resistência, guerreiro da modernidade que, apesar dos pesares, ainda insiste em acreditar nesse país.